



INSTITUTO DE ESTUDOS
DE SAÚDE SUPLEMENTAR

Texto para Discussão n° 89 – 2022
ESG EM PLANOS DE SAÚDE
MÉDICOS E ODONTOLÓGICOS
*Construindo propósito, ações conjuntas
e mutuamente benéficas*

Autor: Bruno Minami

Superintendente Executivo do IESS: José Cechin



SUMÁRIO EXECUTIVO

- Este texto para discussão tem o objetivo de explicar o que é ESG e como seus eixos são aplicados em planos de saúde (de assistência médica e odontológica).
- Após conversas com representantes das operadoras, análise dos relatórios de sustentabilidade e realização de eventos sobre o tema, algumas iniciativas foram selecionadas para servir de inspiração para as demais instituições, visando a promoção da sustentabilidade, a inovação, a criação de propósito e o aumento da qualidade de todo o setor de saúde.
- O acrônimo ESG advém das palavras em inglês *Environmental*, *Social* e *Governance* (ou em português, ASG - Ambiental, Social e Governança).
- Entende-se que as entidades devem colocar no centro das decisões as questões ESG e contemplem os diversos *stakeholders* de forma ética, responsável e com visão sustentável a longo prazo.
- As instituições, sejam elas de grande, médio ou pequeno porte, devem se atentar a essas transformações que estão ocorrendo sob o risco de perderem consumidores, clientes, fornecedores e colaboradores.
- Todo o ecossistema de saúde suplementar (operadoras, prestadores, clínicas, laboratórios, farmacêuticas e governos) têm um objetivo em comum: prestar assistência de qualidade às pessoas. Para atingir este propósito, o segmento conta com desafios adicionais, como o envelhecimento da população e a escalada crescente dos custos assistenciais. Um dos caminhos a seguir para buscar a sustentabilidade do setor é a inovação, desenho de novas soluções, otimização da eficiência operacional e a adoção do ESG como parte estratégica e central da corporação.
- Grandes líderes e gestores já adotam o tema há alguns anos, mas entendem que sozinhos não conseguirão atingir esta agenda e é preciso estender este conhecimento para todos.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, é grande a probabilidade de você ter escutado a sigla ESG – que advém das palavras em inglês *Environmental, Social and Governance* (ou em português, ASG - Ambiental, Social e Governança) - este acrônimo está sendo cada vez mais citado por gestores, empresários, investidores, empreendedores, na mídia, em eventos nacionais e internacionais. Na sociedade contemporânea, está cada vez mais enraizada a ideia de que as empresas precisam se responsabilizar pelos atos que cometem, recursos naturais que usam e pelas questões sociais que provocam.

Em suma, entende-se que as entidades devem colocar no centro das decisões as questões Ambientais, Sociais, de Governança e contemplarem os diversos *stakeholders*¹ de forma ética, responsável e com visão sustentável a longo prazo.

Os movimentos ESG têm provocado grandes transformações nas empresas, inclusive no setor de saúde suplementar – vide a quantidade de eventos, seminários e palestras que tratam sobre o tema no último ano. As instituições que não se atentarem a isso, sejam elas de grande, médio ou pequeno porte, poderão perder consumidores, clientes, fornecedores e colaboradores.

Trata-se também do modo de pensar da sociedade que está mudando. Não entender este movimento poderá fazer as instituições irem à falência. Por exemplo, antes, era comum fumar dentro de ambientes públicos, privados, abertos e fechados (como aviões, bares, restaurantes e escritórios) - atualmente isso não faz mais sentido para a maioria da sociedade (vide a Lei Antifumo que proíbe fumar em ambientes fechados e a redução anual na prevalência de fumantes²). Em planos de saúde, o uso de “carteirinhas” físicas, grandes livretos impressos da rede credenciada, protocolos em papel para assinar por exemplo estão entrando em desuso com os avanços das tecnologias.

¹ Parte interessada, pessoas ou grupo de interesse que são impactados pelas ações.

² No Brasil, dados da Pesquisa Nacional de saúde do IBGE apontou que o percentual de fumantes era de 12,8% da população brasileira em 2019. Em 2013, a prevalência foi de 14,9%.

Assim, vislumbrando o futuro e em constante evolução, o setor de saúde suplementar também deve se preocupar com a sustentabilidade e estar atento aos pilares do ESG. Todo o ecossistema de saúde que envolve operadoras, prestadores, clínicas, laboratórios, farmacêuticas e governos têm um objetivo em comum: prestar assistência de qualidade para as pessoas. Para atingir este propósito, o segmento conta com desafios adicionais, como o envelhecimento da população, surgimento de pandemias e a escalada crescente dos custos assistenciais. Um dos caminhos a seguir para buscar a sustentabilidade do setor é a inovação, desenho de novas soluções, otimização da eficiência operacional e a adoção do ESG como parte estratégica e central da corporação. Grandes líderes e gestores já adotam o tema há alguns anos, mas entendem que sozinhos não conseguirão atingir esta agenda e é preciso estender este conhecimento para todos.

Neste sentido, este texto para discussão tem como objetivo explicar o que é ESG e como esses eixos podem ser aplicados em planos de saúde (de assistência médica e odontológica). Após conversas com representantes das operadoras, análise dos relatórios de sustentabilidade e realização de eventos sobre o tema, algumas iniciativas foram selecionadas para que possam servir de inspiração para as demais instituições e visem a promoção da sustentabilidade, a inovação, a criação de propósito e aumentem a qualidade de todo o setor de saúde.

O PROCESSO DE MUDANÇA DE MENTALIDADE

Antes de introduzir conceitos sobre o ESG, vale entender as mudanças que ocorreram nos últimos anos no mundo dos negócios. Nos dias atuais ainda é comum encontrar, em algumas empresas e corporações, a mentalidade do foco no resultado financeiro e maximização do lucro para seus acionistas, o chamado “**capitalismo de Shareholders**” (acionistas) – uma visão com resultados a curto prazo. Uma das referências nesta lógica é Milton Friedman, Nobel de Economia. Em 1970, Friedman escreveu um artigo no jornal *The New York Times* com o título “The social responsibility of business is

to increase its profits”³. A matéria expressa que a maior responsabilidade das empresas é aumentar os lucros e maximizar o retorno para os seus acionistas.

Com o passar do tempo, surgiram movimentos que questionavam se esta lógica funcionaria a longo prazo, já que se poderia ter consequências negativas para o futuro da instituição - por exemplo, a pressão por descontos em fornecedores poderia levá-los a falência; a exaustão da capacidade dos colaboradores reduziria a produtividade, cresceriam problemas com saúde mental, aumentaria o absenteísmo e poderia elevar o *turnover* das empresas. Sonia Consiglio (2020) escreveu em sua coluna no Valor Investe que Friedman “é visto como um homem cujo pensamento teve seu lugar e seu tempo”⁴.

Contrapondo e questionando essa mentalidade, surgiram movimentos de mudanças nas empresas. Em 2021, o fundador e presidente do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab, manifestou o conceito de “**capitalismo de stakeholder**”⁵, com a ideia de que as empresas deveriam ter um olhar além dos acionistas deixando, também, uma parte dos seus resultados com as diferentes “partes interessadas” (ou em inglês, *stakeholders*) - como fornecedores, clientes, colaboradores, comunidades do entorno, governo, mídias, ONGs, investidores e outros interessados. Busca-se uma visão a longo prazo, construindo boas relações com fornecedores, criando ambientes saudáveis e favoráveis para os colaboradores, idealizando produtos e serviços com melhor qualidade para os clientes e com pensamento voltado também ao meio ambiente. A lógica expandiu o pensamento do capitalismo tradicional, começou a ganhar força, constituindo-se como um tema transversal nas instituições e faz cada vez mais parte dos processos decisórios.

Além disso, há uma transição geracional e de possível ideologia em curso. As linhagens mais

recentes (como os “Millennials”, a geração “Z” e “Alpha”⁶) estão mais conectadas e compartilham informações e modos de pensar de forma rápida. Acredita-se que, a cada nova geração, a disposição para tomar decisões com base em modelos sustentáveis aumenta. Uma pesquisa realizada pela First Insight⁷ apontou esta diferença: enquanto cerca de um terço (39%) dos “Baby Boomers” preferem comprar de marcas sustentáveis, dois terços (62%) dos participantes da Geração “Z” (percentual semelhante nos “Millennials”) consideram concordar com esta afirmação (First Insight, 2020). Outra pesquisa⁸ da Nielsen mostrou que, em 2019, dos 21 mil brasileiros entrevistados, 42% estavam mudando seus hábitos de consumo para reduzir seu impacto no meio ambiente, 58% não compram produtos de empresas que realizam testes em animais e 65% não compram de empresas associadas ao trabalho escravo (Nielsen, 2019).

As gerações mais recentes ainda são minorias na sociedade – alguns são estudantes, estão começando a sua carreira profissional ou fundando as *startups* – e ainda podem não exercer influência majoritária na sua comunidade. Entretanto, com o passar do tempo, essas pessoas se tornarão os próximos CEOs, gestores, professores, agentes públicos, analistas, pesquisadores e ganharão destaque nas suas carreiras, aumentando seu poder de influência, de consumo, herdarão fortunas e passarão a agir de acordo com suas convicções e valores pessoais. Com o passar do tempo, haverá a “passagem de bastão” e, conseqüentemente, entende-se que cada vez mais as decisões serão tomadas considerando os processos produtivos de um produto ou serviço até chegar às mãos do consumidor, considerando o impacto positivo, social e ambiental na escolha de uma marca, investimento ou assinatura de contrato, por exemplo.

3 Disponível em: < <https://www.nytimes.com/1970/09/13/archives/a-friedman-doctrine-the-social-responsibility-of-business-is-to.html> >.

4 Disponível em: < <https://valorinveste.globo.com/blogs/sonia-favaretto/post/2020/10/capitalismo-de-stakeholder-consciente-responsavel-sustentavel-vamos-simplificar.ghtml> >.

5 Disponível em: < <https://www.weforum.org/about/book> > e livro disponível em: < <https://www.wiley.com/en-us/Stakeholder+Capitalism%3A+A+Global+Economy+that+Works+for+Progress%2C+People+and+Planet-p-9781119756132> >.

6 As nomenclaturas das gerações são conceitos sociológicos que se referem às coortes dos anos de nascimento. Não há um consenso, mas entende-se que a Geração “Y ou do Milênio” são os nascidos entre 1981 e 2000 (viram o nascimento das novas tecnologias como internet, computadores e celulares em sua idade escolar). A geração “Z” nasceu a partir dos anos 2000 (em um mundo conectado, com forte acesso às redes sociais).

7 Disponível em: <https://www.firstinsight.com/press-releases/first-insight-finds-expectations-for-sustainable-retail-practices-growing-with-the-rise-of-gen-z-shoppers>

8 Disponível em: <https://www.nielsen.com/pt/insights/2019/brasil-estao-cada-vez-mais-sustentaveis-e-conscientes/>

Assim, se a tendência de crescimento das decisões baseadas em sustentabilidade se concretizar, as empresas, instituições e governos devem estar preparadas para assumir esta responsabilidade, sob pena de sumirem se não se adaptarem.

A ORIGEM DO TERMO ESG

O acrônimo ESG advém das palavras em inglês *Environmental, Social and Governance* (ou em português, ASG - Ambiental, Social e Governança). Este termo advém do mercado financeiro como forma de medir os impactos das ações de sustentabilidade nos resultados das empresas. Em 2004, um grupo da UNEP-FI (*United Nations Environment Programme Finance*)⁹ discutia o assunto e surgiu a sigla.

Em uma entrevista à coluna do Rodrigo Tavares do Jornal Folha de São Paulo (2021), o economista James Gifford, que trabalhava na equipe da UNEP-FI em 2004, conta que o grupo, para chamar atenção dos investidores, precisava fundamentar as iniciativas em retornos financeiros e riscos (Tavares, R., 2021). Assim, dois relatórios foram publicados no mesmo dia¹⁰ – o primeiro, o **“Who Cares Wins: Connecting Financial Markets to a Changing World”** (ou “Quem se importa ganha: conectando os mercados financeiros a um mundo em mudança”, em tradução livre), foi apoiado por instituições financeiras (inclusive o Banco do Brasil) e pelo Banco Mundial; e o segundo, o **“The Materiality of Social, Environmental, and Corporate Governance Issues to Equity Pricing”** (ou “A materialidade das questões sociais, ambientais e de governança corporativa para a precificação das ações”, em tradução livre). Neste último, a palavra Social estava antes de ambiental e governança, gerando a sigla SEG. Segundo Gifford, escolheu-se ESG pelo acrônimo soar melhor (Tavares, R., 2021).

Na mesma entrevista, Gifford (2021) conta que esses relatórios mudaram a narrativa

⁹ Em tradução livre para o português, *Iniciativa Financeira do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. O grupo liga a ONU com o setor financeiro afim de moldar a agenda de finanças responsáveis.*

¹⁰ Foram escritos em parceria com o Pacto Global (ou Global Compact, em inglês, iniciativa também ligada à ONU para encorajar empresas a adotarem políticas de responsabilidade corporativa e sustentabilidade).

sobre ESG. Até 2004, entendia-se que os investidores deveriam reduzir o tamanho do universo por razões éticas. Desde então, passaram a dizer “vamos expandir os dados e a pesquisa, incluindo também sustentabilidade, e isso vai resultar no bom exercício do dever fiduciário” (Tavares, R., 2021).

Gifford contou em outra entrevista para a Revista Exame que, para ele, o ESG é um subgrupo inserido no contexto maior de investimento sustentável. O ponto central é a incorporação de fatores socioambientais nos investimentos para gerenciar riscos (não mais sobre ética, apenas) (Caetano, R., 2022). Com a criação da sigla, jogou-se luz nos três pilares e ficou mais fácil de explicar os conceitos e disseminar a ideia, principalmente entre os agentes do setor financeiro. Entende-se que com os três pilares destacados, as empresas podem ampliar sua capacidade de visão holística e trazer para decisão fatores que permeiam o futuro da sociedade.

A EFERVESCÊNCIA DO TERMO ESG

A partir do século XXI, principalmente, começaram a surgir linhas de pensamento tratando a sustentabilidade como uma estratégia de negócio, e não apenas como um valor moral, ético, de responsabilidade social e filantropia corporativa. O tema passou a fazer parte dos Conselhos de Administração das empresas e do modelo de negócios, tornou-se assim, um propósito e com ações reais para execução.

Nos Estados Unidos da América, bolsões como Califórnia e Nova Iorque começaram a ganhar voz e destacar o ESG. No Brasil, o termo começou a ganhar força nos últimos anos, principalmente por citações do mercado financeiro. O movimento também emergiu no país em decorrência dos desastres naturais que ocorreram nos últimos anos. Algumas ações chamaram a atenção na mídia para as questões ambientais, sociais e de governança, como o afundamento do solo em Maceió (2018), o rompimento de barragem em Brumadinho (2019), vazamento de óleo no nordeste (2020), piores secas no centro-sul (2021) e o vazamento de dados no Ministério da Saúde (2020), por

exemplo. Pode-se entender que casos como esses ajudaram a efervescer o tema sustentabilidade e ESG no Brasil.

Outro ponto de destaque ocorreu em março de 2020, com a entrada do novo coronavírus (Covid-19) no país. Neste período inicial, o ESG deixou de estar nos holofotes e passou para segundo plano nas notícias de mídia. Entretanto, a pandemia serviu como um catalisador ao destacar o papel da ciência no desenvolvimento de soluções, a importância dos colaboradores nas empresas e da privacidade dos dados – houve destaque para o valor de uma boa assistência, a interdependência entre os países, a consideração dos negócios locais e as discrepâncias sociais. Neste período, no setor de saúde, houve dificuldades de agir sobre fatores estruturais e sobre aumentos de preços de materiais e medicamentos decorrentes de choques de oferta, mas também, houve avanços na regulamentação da telemedicina, teleorientação odontológica e da relevância dos profissionais da saúde.

Com o avanço na vacinação e redução na mortalidade por Covid-19, o termo ESG voltou a ser manchete dos jornais e assessorias de investimento. Com essa forte retomada, o acrônimo aparenta ser novidade no país, mas, como dito anteriormente, o conceito já existe há bastante tempo e está ganhando cada vez mais força no Brasil.

Outra pauta que impulsionou o tema ESG foi a discussão que Larry Fink (CEO da BlackRock – uma das maiores gestoras de investimentos do mundo), desde 2020, escreve em sua carta anual às lideranças empresariais¹¹ discutindo sobre propósitos, ações reais, as relações de trabalho, o capitalismo de *stakeholders* e a importância do CEO e do RH como fatores críticos para boa performance da companhia a longo prazo. Neste momento, a gestora assumiu o compromisso objetivo de tornar o ESG como centro das atividades e dos padrões de investimento. Na visão do executivo, quanto mais se construir relacionamentos mutuamente benéficos entre colaboradores, clientes, fornecedores e comunidades, mais retornos duradouros entregará para os acionistas. Sendo uma das maiores gestoras de investimentos do mundo, esta visão desperta atenção e inspira os demais sobre o tema ESG.

ESG NO SETOR DE SAÚDE SUPLEMENTAR

A Saúde Suplementar contempla um sistema privado de serviços de saúde por meio de convênios, seguros ou planos de saúde. O cidadão (beneficiário) que decide fazer parte deste sistema, ativa uma longa cadeia de agentes (que estabelecem relações entre si) para que ocorra a prestação da assistência à saúde (Figura 1).

¹¹ Disponível em: <https://www.blackrock.com/br/2022-larry-fink-ceo-letter>

FIGURA 1. MAPA DOS AGENTES DA SAÚDE SUPLEMENTAR.

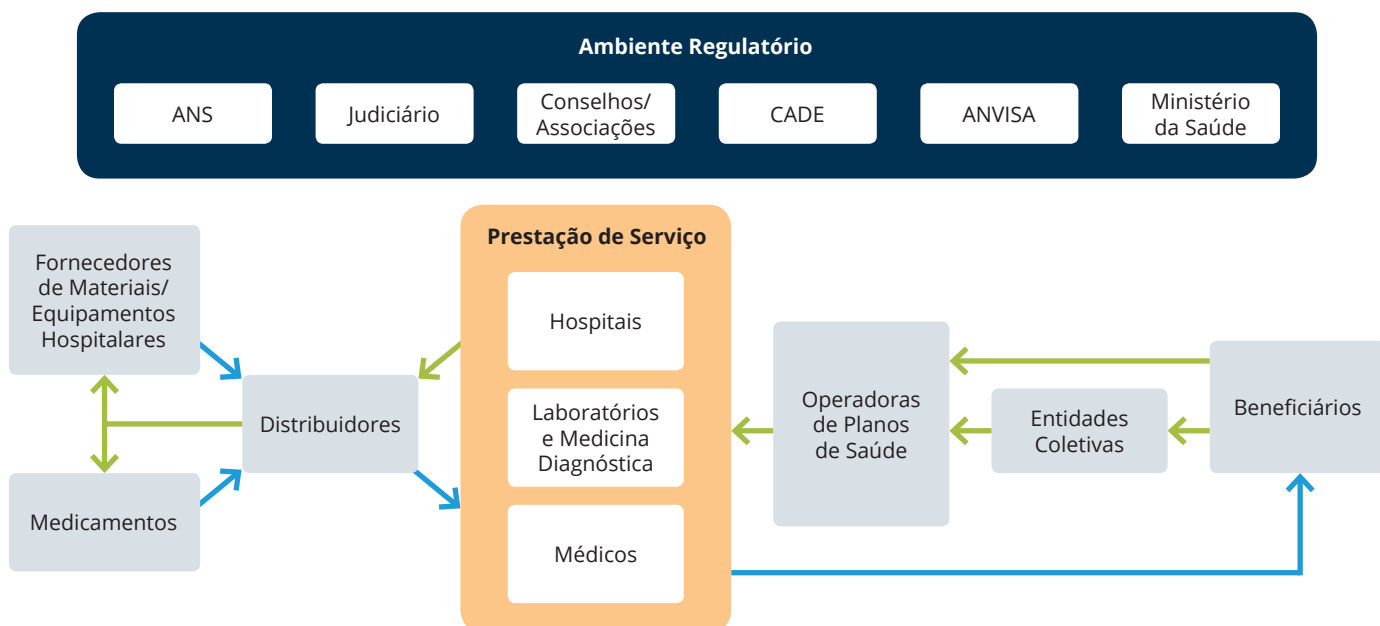


Imagem extraída do estudo especial elaborado pelo Insper (“A cadeia da saúde suplementar no Brasil”) a pedido do IESS. Disponível em: iess.org.br

Toda essa cadeia de agentes da Saúde Suplementar cuidam de vidas. Planos de saúde, farmacêuticas, laboratórios, hospitais, reguladores, governo e prestadores de serviços, cada um têm seu papel na assistência à saúde – criam medicamentos, vacinas, tecnologias e dispositivos médicos e possuem um objetivo em comum: melhorar a saúde das pessoas e salvar vidas. Assim, historicamente, ao pensar nos pilares do ESG, o eixo Social é um dos que têm maior histórico de ações e impacto no setor de saúde. Entretanto, também há movimentos e oportunidades nos pilares Ambiental e Governança.

Para destacar algumas dessas iniciativas, este estudo trouxe exemplos em ESG. O IESS elencou algumas ações de planos de saúde privados de assistência médico-hospitalar e odontológica (também denominados como “operadoras”) através de relatórios, realização

de eventos e conversas com representantes de algumas empresas.

Espera-se que essas iniciativas inspirem as demais instituições e que possam ser replicadas visando a promoção da sustentabilidade, criação de propósito e, assim, aumentar a qualidade de todo o setor. Construiu-se o Quadro 1 com a síntese de algumas medidas realizadas pelas operadoras do setor em ESG. A depender da operação de cada empresa, pode-se haver maior preocupação com projetos em um dos eixos da sigla.

No capítulo seguinte se discutirá algumas iniciativas de cada eixo. Atenta-se que alguns exemplos são replicáveis para todos os portes de operadoras. Gestores e líderes devem entender que as questões ESG precisam gerar valor nas suas empresas, fazer a gestão dos riscos e, assim, tomarem as melhores decisões de investimento.

QUADRO 1. ALGUNS EXEMPLOS QUE PERMEIAM A SIGLA ESG EM PLANOS DE SAÚDE.

CULTURA DE SUSTENTABILIDADE, INOVAÇÃO E PROPÓSITO		
FATORES AMBIENTAIS (E)	FATORES SOCIAIS (S)	FATORES DE GOVERNANÇA (G)
<ul style="list-style-type: none"> • Uso de recursos naturais (hídricos, biológicos, minerais e energéticos) • Gestão e tratamento de resíduos sólidos e efluentes • Emissão de gases de efeito estufa (CO₂, metano) e neutralidade de carbono • Eficiência energética e geração própria de energia de fonte renovável • Poluição • Mudança climática e aquecimento global • Escassez e poluição da água • Preservação de Florestas e da biodiversidade • Resistência antimicrobiana 	<ul style="list-style-type: none"> • Inclusão e Diversidade • Direitos Humanos • Engajamento, Treinamento e Mentoria dos colaboradores • Privacidade, proteção de dados e investimentos contra-ataques cibernéticos • Expansão e Impacto nas comunidades • Relações de trabalho (inclusive na cadeia de fornecimento) • Saúde e segurança do trabalhador • Gestão da cadeia de suprimentos (responsabilidade socioambiental) • Medidas de satisfação do cliente e canais para sugestão de melhorias • Capacidade de Inovação da Organização 	<ul style="list-style-type: none"> • Políticas responsáveis e transparentes • Gestão de risco • Conselho Independente e sua composição • Diversidade no Conselho de Administração • Comitês de auditoria, fiscal, ética e transparência • Política de remuneração e plano de carreira • Transparência e responsabilidade fiscal • Direitos dos acionistas • Políticas de ética, <i>compliance</i> e fraude • Liderança em ESG • Medidas de combate à corrupção e canais de denúncia

Fonte: levantamento feito pelo IESS através de sites, discursos de representantes e relatórios de empresas e instituições do setor de saúde suplementar brasileiro sobre programas ESG.

EIXO AMBIENTAL NA SS



Este pilar tem o objetivo de avaliar as medidas e os níveis de comprometimento da organização com uma agenda de impacto e responsabilidade ambiental. Em planos de saúde há exemplos de ações e iniciativas voltadas ao meio ambiente. Em algumas operadoras verticalizadas, há o monitoramento da gestão e tratamento de resíduos gerados pelos hospitais, clínicas e laboratórios. O estabelecimento de indicadores e metas auxiliam os gestores na redução efetiva dos volumes gerados.

Uma operadora verticalizada, que conta com hospitais e salas cirúrgicas, precisa manter sistemas de iluminação, níveis de umidade adequados, ar-condicionado ligado de forma ininterrupta (24 horas e 07 dias por semana) e, conseqüentemente, isso gera impactos ao meio ambiente. Assim, algumas corporações de saúde têm monitorado em tempo real o consumo elétrico (*follow energy*) e construído parques para geração de energia limpa para suprir esta necessidade. Também foram realizadas iniciativas para redução do consumo de energia, como a utilização de lâmpadas de LED, instalação de sensores de presença e compra de equipamentos com selo PROCEL para economia de energia. Essas mudanças tornam os riscos mais controláveis e podem poupar o uso de recursos naturais e financeiros no futuro.

Nesta linha, também é possível analisar pela ótica das emissões de Gases do Efeito Estufa (GEEs). Embora em comparação com demais setores (como o de indústrias pesadas), os impactos de emissão de carbono nas empresas de saúde sejam substancialmente menos

intensivas, ainda trazem desafios ambientais. Para iniciar a gestão dos GEEs é preciso identificar as principais fontes de emissão da empresa e quantificar essas emissões em um determinado período, permitindo assim, a elaboração de um inventário de emissões que mapeia o perfil e o volume de emissões que as atividades da organização lançam para a atmosfera. Através deste diagnóstico, as operadoras conseguem analisar a viabilidade de implantação e têm adotado estratégias para redução de emissões de GEEs, como: investimento e construção de usinas solares, adoção do etanol como combustível preferencial para os veículos da frota própria e estabelecimento de rotas eficientes para redução do consumo de combustível, identificação de vazamentos, ineficiências em processos e redução de emissões de gases anestésicos - como o óxido nitroso (sem que haja interferência na qualidade do atendimento), plantio de árvores e compensação de emissão de gases de efeito estufa (carbono “zero” ou “neutro”).

Outra área de atenção está na geração de resíduos sólidos. No setor de saúde, há a preocupação com a composição deste resíduo (que pode incluir materiais biológicos, substâncias tóxicas, inflamáveis, radioativas e materiais perfurocortantes, por exemplo) e com maior potencial de contaminação do meio ambiente. Além desta preocupação, há o aumento da geração desses resíduos devido ao crescimento populacional e da prestação de cada vez mais serviços. Para reduzir a emissão de resíduos, algumas operadoras fazem a separação dos resíduos sólidos e têm ciência do volume que é gerado. Assim, além de poderem estabelecer um plano para redução do lixo, podem reciclar, por exemplo, uniformes e roupas não contaminados da sua rede assistencial e os transformar em novos itens, como bolsas, *ecobags*, estojos e cobertores. Há também a preocupação com o uso e descarte de materiais radiológicos e, para isso, muitas operadoras têm desenvolvido tecnologias para salvar e divulgar os resultados em nuvem (plataformas digitais) e assim, evitar também, sua impressão. No caso da odontologia, uma operadora recicla a amálgama – uma liga metálica composta de metais pesados e

tóxicos (como mercúrio e prata) e que se torna um resíduo específico da operação. Este material é usado em procedimentos cirúrgicos em odontologia e se descartado de forma inadequada no meio ambiente, pode contaminar seres humanos, animais e a natureza.

Outra transformação que ocorreu no setor foi devido à pandemia de Covid-19. Houve avanços significativos na transformação digital das operadoras, hospitais e prestadores e, conseqüentemente, reduziu impactos ambientais. A implantação da telemedicina e do modelo de trabalho híbrido reduziu significativamente os deslocamentos dos beneficiários às consultas (alguns atendimentos passaram a ser realizados por vídeo através de um celular ou computador) e dos colaboradores entre a casa, trabalho e viagens de negócios. Com a digitalização dos documentos (como receita, atestado médico, “carteirinha” e o livreto da rede credenciada), também foi possível reduzir a quantidade de impressões físicas e de deslocamento entre as unidades, filiais e beneficiários. Uma vez que o atendimento não é presencial, não houve necessidade de usar luvas, máscaras e demais produtos médico-hospitalares, o que reduziu também a geração de insumos médicos.

EIXO SOCIAL NA SS



Neste pilar é avaliado o comprometimento, cuidado, a escuta e o engajamento da empresa com as demandas da sociedade (tanto para o público interno – com os colaboradores, quanto externo – com a comunidade e projetos sociais que impactem seus *stakeholders*).

O eixo social é um dos pilares principais para o setor de saúde, pois possui maior histórico de ações e impacto no setor, além de envolver a relação com a comunidade que atende. Levantamento do *Health Research Institute* (HRI), da PwC, analisou os esforços ESG de 45 sistemas e seguradoras de saúde e constatou que prestadores de serviços e seguradoras de saúde adotaram historicamente o pilar social do ESG (PWC, 2021).

Entende-se que a promoção e assistência à saúde contribuirá para maior produtividade econômica e social, inclusive contribuindo para o aumento da expectativa de vida e envelhecimento saudável da população.

Algumas operadoras possuem modelos de gestão com promoção à saúde vinculados à atenção primária e aos cuidados coordenados. O beneficiário é colocado no centro do cuidado e conduzido para tratamentos adequados. Indicadores como experiência do paciente, de desfechos positivos e pesquisas de satisfação auxiliam as operadoras no monitoramento da qualidade dos serviços prestados.

No centro das ações sociais, as operadoras também têm colocado os colaboradores e prestadores de serviços em suas ações. Há diversas iniciativas, como programas de capacitação, aperfeiçoamento e mentoria para os profissionais e familiares, de diversidade e inclusão, da saúde e segurança do trabalhador e pesquisas internas sobre deficiência e percepções, por exemplo.

A pandemia também revelou a importância e trouxe voz para os profissionais e para o setor de saúde. No auge da crise sanitária, ficou claro o papel deste segmento para a sociedade, empresas e governos. Desde esse momento em diante, a saúde começou a fazer cada vez mais parte das ações de atividades econômicas dos governos para que as sociedades fiquem mais resilientes em crises futuras. Assim, as questões de saúde passam a ser também observadas como um risco (e, conseqüentemente, se bem gerenciadas, passam a ser relacionadas com inovações e oportunidades para operações futuras).

O assunto aborda também o tema dos direitos humanos. Em determinados setores, ainda aparecem relatos de trabalhos infantil ou análogo à escravidão no século XXI. Para evitar isso, empresas responsáveis têm auditado seus fornecedores e distribuidores, diretos e indiretos, terceirizados e quarteirizados. Pode-se pensar, em uma operadora verticalizada, na origem dos alimentos servidos nos refeitórios e hospitais, da vestimenta dos colaboradores e pacientes, da forma de construção do edifício, entre outros exemplos.

Outro foco é o investimento social com ações que promovam expansão do acesso à saúde e mudanças na vida das pessoas e de comunidades carentes. As operadoras apoiam Organizações não governamentais (ONGs), doam planos de saúde, fazem pesquisas e oferecem cursos para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Além disso, outro assunto que está no radar dos planos de saúde é a privacidade e segurança dos dados em saúde. A *cybersegurança* e a preocupação com a proteção dos dados levam todos os projetos a se alinharem com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Constantemente, também há investimentos e atualização dos protocolos tecnológicos para proteção contra ataques cibernéticos.

EIXO GOVERNANÇA NA SS



O pilar de governança avalia o grau de comprometimento das empresas com a transparência na divulgação dos seus dados, diversidade nos conselhos, auditorias e com políticas de ética, *compliance* e anticorrupção.

O Código das Melhores Práticas de Governança Corporativa, do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), define Governança Corporativa (GC) como “o sistema pelo qual as empresas e demais organizações são dirigidas, monitoradas e incentivadas, envolvendo os relacionamentos entre sócios, conselho de administração, diretoria, órgãos de fiscalização e controle e demais partes interessadas” (IBGC, 2015).

A respeito da **Governança (G)**, algumas operadoras possuem suas ações listadas em bolsa no Novo Mercado, o que exige o mais alto padrão de governança corporativa do mercado brasileiro, e possui diretrizes alinhadas ao IBGC. Atenta-se, entretanto, que estar listado somente no novo mercado não significa que seja uma boa empresa (há casos de fraudes contábeis, números maquiados e diversos problemas de governança) - é necessário avaliar processos.

A busca pela diversidade e equidade nos Conselhos de Administração e divulgação transparente da composição fazem parte deste pilar. A composição do Conselho é importante não apenas na perspectiva racial e de gênero, mas também, na visão meritocrática. Os membros que compõem o Conselho devem trazer diversidade de pensamentos e decisões assertivas.

Estudos da consultoria empresarial Mckinsey relatam que empresas que adotam a diversidade e inclusão têm maior probabilidade de alcançar performance financeira superior à de seus concorrentes (que não o fazem), pois criam uma saúde organizacional mais sólida, senso de pertencimento e engajamento, apresentam melhores processos decisórios e, portanto, performam melhor. Na América Latina, equipes executivas diversificadas em termos de gênero apresentaram probabilidade 14% maior de superar a performance de seus pares na indústria (McKinsey & Company, 2020).

Algumas operadoras possuem Comitês de auditoria, de pessoas, de conduta e ética, com canais de denúncia de forma independente. Líderes e gestores são nomeados para atentarem aos eixos em ESG e se tornam responsáveis por executar as iniciativas.

Em grandes corporações também é comum encontrar Políticas de ética, *compliance* e fraudes. Outra iniciativa está na revisão, renovação e assinatura de contratos. Cada vez mais, algumas operadoras questionam as principais práticas relacionadas aos eixos ESG dos seus parceiros de negócios.

Entretanto, a boa governança vai além da questão ética e está relacionada com processos. A ética está além do ESG e deve permear toda a organização, em todos os indivíduos, em todo o momento e tempo. Uma empresa precisa ter instâncias de decisão, com comitês bem estabelecidos e uma boa cultura organizacional, com fóruns de discussão (para que as decisões e os processos criativos sejam naturais e acolhidos), e processos alinhados para que as decisões sejam tomadas de maneira clara e objetiva. Empresas que não tomam boas decisões e acabam perdendo competitividade por empresas que tomam boas decisões.

ESG, IMPACTOS & RISCOS GLOBAIS

Em janeiro de 2022, o Fórum Econômico Mundial (FEM) publicou seu 17º Relatório de Riscos Globais (ou *Global Risks Report*), e apresentou os principais riscos globais que indivíduos, governo e empresas podem enfrentar nos próximos 10 anos¹². O levantamento considerou impactos econômicos da crise do Covid-19 e exemplos de riscos diretos que podem afetar uma organização, como o controle da inflação, aumento da dívida, disparidades educacionais, desemprego e interrupções na cadeia de suprimentos. Dentre os principais riscos globais levantados para a próxima década e que afetam a humanidade, destaca-se que os aspectos ambientais estavam em primeiro, seguido dos sociais (Figura 2).

¹² Realizou-se uma pesquisa sobre a percepção de riscos globais e envolveu mais de mil especialistas e líderes globais. Também foram baseados em mais de 12 mil líderes nacionais que identificaram riscos críticos de curto prazo para seus 124 países.

FIGURA 2. MAIS GRAVES RISCOS EM ESCALA GLOBAL PARA OS PRÓXIMOS 10 ANOS.



Fonte: World Economic Forum Global Risks Perception Survey 2021-2022. Elaboração e tradução livre do inglês para o português: IESS.

Relatórios do IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*)¹³ de 2022 também destacam diversos riscos ambientais como secas extremas e frequentes, insegurança hídrica, inundações e deslizamentos de terra, agravamento de doenças transmitidas por vetores, branqueamento de corais, aumento do nível do mar, tempestades e erosões costeiras (IPCC, 2022).

Monitorar, entender o impacto e os riscos desta agenda ambiental faz parte da estratégia do negócio e suas operações. Para o setor de saúde, por exemplo, o consumo de energia e água tem risco e custo para o negócio. Entre 2013 e 2015, o Brasil passou por crise hídrica, o que reduziu a oferta de água para a população e comprometeu o fornecimento de energia

¹³ É o órgão da ONU para avaliar a ciência relacionada às mudanças climáticas.

elétrica. Em 2021, houve a maior seca em 91 anos e, nesses momentos, o país aumenta a produção de energia das termelétricas. A geração desta energia eleva o custo da energia convencional, conseqüentemente, impactando todo o fator gerador do negócio.

Além desses impactos, a publicação anual “The Lancet Countdown” da revista “The Lancet” monitora, de forma independente, as consequências para a saúde em decorrência das mudanças climáticas. Em sua 6ª edição, de 2021, apontaram 44 indicadores que expõem como o aumento dos impactos da mudança no clima, temperatura, na umidade e biodiversidade afetam a saúde humana. Cita-se que alterações climáticas podem impactar na proliferação de vetores que levam doenças para humanos e aumenta problemas respiratórios; a perda de biodiversidade causa um desequilíbrio natural e aumenta a probabilidade de ocorrência de novas pandemias; e a falta de recursos naturais pode impactar na produção de medicamentos, vacinas e nas atividades de saúde, além de aumentar o número de contaminações (Romanello et al., 2021).

Ao ter claro a agenda ESG, os negócios podem entender quais são os riscos e criar agendas de mitigação, como por exemplo, uma agenda de transição de matriz de energia elétrica. Ao reduzir o risco, é possível promover um avanço estratégico para a organização e gerar melhores resultados financeiros.

REFLEXÕES DO ESG E O VALOR DAS EMPRESAS

O mundo passa por uma transição em curso: da era em que empresas usavam recursos naturais (água, terra e ar) como se fossem inesgotáveis, com emissão e acúmulo de carbono e se preocupavam com os valores ambientais por questões de conformidade; para uma era com pressão de investidores, reguladores, consumidores para que as empresas se preocupem com as questões ambientais e financeiras. Fazem-se então três reflexões.

A primeira sobre a emissão de carbono, que é assunto recorrente (mas existem outros). Entende-se que uma empresa poluidora

precisa se responsabilizar pelo CO2 (gás carbônico) emitido no meio ambiente. Alguns movimentos envolvem: (i) reduzir suas emissões, investindo em tecnologia e (ii) neutralizar suas emissões, comprando crédito de carbono para compensar suas emissões. Nessas duas ações, as finanças da empresa será impactada, e o valor da companhia será modificada a partir das mudanças ambientais. A depender do setor, porte da empresa e da quantidade de toneladas de carbono emitidas por ano, isso pode significar um percentual significativo do valor da empresa. Por exemplo, uma indústria do setor petroquímico possui um fluxo de caixa definido. Se resolver aplicar a questão de responsabilidade pelo carbono, o fluxo de caixa da instituição será diferente.

A segunda reflexão. No momento em que uma grande produtora ou empresa descarbonizar totalmente as operações, ela ainda será competitiva frente a seus concorrentes? E como ficará a importação do mesmo produto de países que não assumiram o compromisso ambiental? Nesta visão, acredita-se que haverá cada vez mais negociações regulatórias para tributação, restrição e pressões para que demais entidades sigam o mesmo rumo.

A terceira reflexão também trata de mudanças. Em junho de 2022, o Parlamento Europeu aprovou a proibição de venda dos carros movidos à gasolina e diesel no continente a partir de 2035. Ao saber que os carros à gasolina serão banidos, haverá compras de veículos movidos a combustíveis fósseis no início de 2030? Entende-se que as ações regulatórias promoverão mudanças significativas no mercado de petróleo ao longo dos próximos anos - efeitos que estão acontecendo a partir das mudanças ambientais, e essa preocupação está fazendo algumas empresas a mudarem seu modelo de negócio – vide que algumas empresas de petróleo já se movimentaram: a British Petroleum renomeou seu nome para BP (“Beyond Petroleum”, muito além de petróleo, em português), para incluir gás natural e energia solar e está cada vez menos dependente de Petróleo. A Total (francesa) mudou o nome para Total Energy, para voltar a empresa às estações de recarga de bateria para carros elétricos no Reino Unido.

ESG, ODS E MATRIZ DE MATERIALIDADE

É comum confundir o ESG com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2015, a Organização propôs aos seus países membros uma nova agenda de desenvolvimento sustentável para os próximos 15 anos – a Agenda 2030. Estabeleceram-se 17 objetivos que contemplam um plano de ação global para eliminar a pobreza extrema e a fome, oferecer educação de qualidade ao longo da vida para todos, proteger o planeta e promover sociedades pacíficas e inclusivas até 2030 (Figura 3). Os ODS auxiliam a sintetizar os desafios, dores e vulnerabilidades que o mundo enfrenta e estimulam ações em áreas essenciais para a sociedade.

Embora seus conceitos sejam diferentes, há forte relação entre ESG e ODS. Ao adotar

as práticas da ESG, as instituições também contribuem para os ODS. Assim, ao alinhar os dois conceitos, pode-se facilitar a transição das empresas para adoção de novos modelos e estratégias de negócios que atendam seus objetivos, direcionando ações para fatores financeiros e não financeiros, e gerando desempenho e retorno superior a longo prazo. Muitas empresas utilizam a Agenda 2030 como um guia para adequar seus processos às práticas ESG e colocam o ano como meta.

Alinhado a isso, algumas corporações adotam a matriz de materialidade, um documento construído por cada empresa para estabelecer os temas de maior impacto e influência para o negócio. Assim, tornam as ações hierarquizadas e as demandas prioritárias mais claras e executáveis.

FIGURA 3. OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.



Imagem extraída de <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

ESG E O GREENWASHING

O termo *Greenwashing* (em tradução livre para “lavagem verde”, “pintando de verde” ou “maquiagem verde”) é utilizado quando uma empresa promove ações, discursos e propagandas enganosas, com medidas insuficientes e que não possuem impactos positivos reais

ao meio ambiente, criando uma falsa aparência de sustentabilidade. Assim, a empresa se “pintava de verde” através de campanhas de comunicação e marketing, mas as ações e compromettimentos não eram encontrados nos seus processos diários. Isso gerou o debate se o ESG é uma tendência ou modismo.

Observa-se, entretanto, que cada vez mais as empresas estão comprometidas com esta agenda. Pode-se observar a quantidade de instituições que, em 2022, passaram a citar as metas e compromissos com o ESG nos próximos anos – vide também os relatórios de sustentabilidade das companhias que passam a divulgar as ações da agenda. Outro destaque que indica a ascensão do ESG está na criação e relevância dos fundos ESG, aqueles que o investidor aporta seu montante financeiro somente em empresas comprometidas com a agenda.

Deve-se observar que cada empresa possui um determinado tipo de operação e, assim, pode ter maior preocupação com projetos em determinado eixo, do que atividades de outro pilar. Atualmente, algumas empresas de diversos setores divulgam para o mercado e sociedade “o que está na mídia” – com forte tendência para a temática do carbono, diversidade e equidade. Atenta-se, no entanto, que existem temas diferentes para diferentes setores e de que os problemas ambientais são extremamente complexos. Assim, a crítica deve ser feita de forma diferenciada para cada setor.

No caso da saúde, por exemplo, pode-se questionar o peso da emissão de carbono em comparação com o impacto dos resíduos, ações sociais e privacidade dos dados de pacientes. Entende-se que a geração de carbono deve ser objeto de preocupação, mas, além disso, há também relevantes impactos ambientais na cadeia da geração de resíduos biológicos – após a realização de um exame de sangue, como é feito o descarte de tubos, agulhas, seringas, materiais infectantes, materiais radioativos e o sangue que sobra? E as informações pessoais que foram coletadas, estão bem protegidas?

DISCUSSÃO & CONCLUSÃO

Este texto para discussão mostrou que há um processo de mudança mentalidade da população em curso sobre suas ações e respectivos impactos no mundo, mostrando que, se a tendência de crescimento das decisões baseadas

em sustentabilidade se concretizar, as empresas, instituições e governos devem estar preparadas para assumir esta responsabilidade, sob pena de sumirem se não se adaptarem.

O tema ESG está em efervescência no Brasil e no mundo, acentuando-se ainda mais com os recentes desastres naturais que ocorreram nas duas últimas décadas e com a pandemia de Covid-19. Assim, cada vez mais, líderes, gestores, investidores e governos do mundo todo estão assumindo o compromisso de atuar com os temas de sustentabilidade e ESG. Porém, dada a dimensão do desafio, essas entidades (setor público, privado, ONGs e comunidades) estão conscientes de que sozinhas não conseguirão ter ações efetivas e de impacto. Está cada vez mais claro que é preciso gerir os riscos e unir esforços para todos seguirem na mesma direção a fim de alcançar esta agenda para o nosso planeta e futuras gerações.

No setor de saúde suplementar, muitas empresas já começaram a se adaptar a esta realidade. Entre as grandes corporações, algumas já estabeleceram executivos responsáveis para cuidarem do tema ESG em suas empresas e tornaram o tema recorrente nos Conselhos, assumindo compromissos, valores e propósitos a fim de sair da inspiração e ir para a execução. Alguns, realizam a matriz de materialidade para priorizar os temas mais relevantes para o negócio e utilizam o ano de 2030 como meta a fim de se alinhar também aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Isso tem tornado as ações prioritárias mais claras e executáveis.

Espera-se que os exemplos deste estudo inspirem as operadoras e *stakeholders* do setor a cada vez mais construir propósitos, ações conjuntas, concretas e mutuamente benéficas. Muitas iniciativas também podem ser replicadas em instituições de pequeno, médio e grande porte. Ademais, o IESS pretende continuar trabalhando com o tema e divulgando mais iniciativas, através da realização de eventos, cursos e estudos para expor a importância do ESG na Saúde Suplementar.

EXEMPLOS PRÁTICOS EM OPERADORAS

Em 2022, o IESS convidou renomados especialistas e debatedores para traçarem um panorama sobre o tema dentro do universo da saúde suplementar. As ações foram expostas em uma série de webinars para debater os três pilares do ESG e está disponível em < <https://www.youtube.com/c/IESSbr> >.



REFERÊNCIAS

- Caetano, R. 'Efeito iPhone': para James Gifford, o ESG veio para ficar. Revista Exame. 20.jan.2022. Disponível em: < <https://exame.com/revista-exame/o-esg-e-o-efeito-iphone/> >.
- FEM. Fórum Económico Mundial. The Global Risks Report 2022. 17th Edition. Published: 11 January 2022. Disponível em: < <https://www.weforum.org/reports/global-risks-report-2022/> >. Acesso em setembro de 2022.
- First Insight. Gen Z Shoppers Making Purchase Decisions Based on Sustainable Models; Most Willing to Spend More on Sustainable Items. Disponível em: < <https://www.firstinsight.com/press-releases/first-insight-finds-expectations-for-sustainable-retail-practices-growing-with-the-rise-of-gen-z-shoppers> >.
- Friedman, Milton. The New York Times. A Friedman doctrine - The Social Responsibility Of Business Is to Increase Its Profits. 13.Set.1970. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/1970/09/13/archives/a-friedman-doctrine-the-social-responsibility-of-business-is-to.html> >.
- IBGC. Código das melhores práticas de governança corporativa. 5.ed. São Paulo, SP: IBGC, 2015. 108p. ISBN 978-85-99645-38-3.
- IPCC Sixth Assessment Report. Climate Change 2022: Mitigation of Climate Change. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg3/>
- McKinsey & Company. Artigo. Diversity Matters: América Latina. Disponível em: < <https://www.mckinsey.com/br/our-insights/diversity-matters-america-latina> >. 02 de julho de 2020.
- Nações Unidas. Brasil. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> .
- Nielsen. Os Brasileiros estão cada vez mais sustentáveis e conscientes. Juno de 2019. Disponível em: <https://www.nielsen.com/pt/insights/2019/brasileiros-estao-cada-vez-mais-sustentaveis-e-conscientes/>
- PWC. ESG para Organizações de Saúde. O que é certo para o mundo é bom para os negócios. Outubro de 2021. Disponível em: < https://www.pwc.com.br/pt/estudos/setores-atividades/saude/assets/2021/ESG-para-organizacoes-de-saude-21_VF_19-10.pdf>. Acesso em: setembro.2022.
- Romanello et al., 2021. The Lancet. The 2021 report of the Lancet Countdown on health and climate change: code red for a healthy future. Review. Volume 398, ISSUE 10311, P1619-1662, October 30, 2021. Published: October 20, 2021. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(21\)01787-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)01787-6).
- Tavares, R. 'Escolhemos ESG porque soava melhor', diz coinventor da sigla. Folha de São Paulo. 27.out.2021. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/rodrigo-tavares/2021/10/escolhemos-esg-porque-soava-melhor-diz-coinventor-da-sigla.shtml> >.
- WHO. World Health Organization. Health-Care Waste. Disponível em: < > Acessado em: abril 2021. Feb. 2018.

IESS

**INSTITUTO DE ESTUDOS
DE SAÚDE SUPLEMENTAR**

IESS
Rua Joaquim Floriano 1052, conj. 42
CEP 04534 004, Itaim, São Paulo, SP
Tel (11) 3706.9747
contato@iess.org.br